



Rebello, Ernesto
As noites d'El-Rei

PQ
9261
R416N6
1879
c. 1
ROBA

AS NOITES D'EL-REI

DRAMA HISTORICO EM 3 ACTOS

POR

ERNESTO REBELLO



ANGRA DO HEROISMO

175—IMPRESA DO GOVERNO CIVIL—1880



Dr. E. J. Benson
com. to the Library of the
off. of the Christian Science
Museum - 1907.

AS NOITES D'EL-REI

Racism. Photo of
H. Maria Weston & George

AS NOITES D'EL-REI

DRAMA HISTORICO EM 3 ACTOS

POR

ERNESTO REBELLO



ANGRA DO HEROISMO

IMPrensa DO GOVERNO CIVIL

1879



Na distincta acoriuna

*a Ex.^{ma} Snr. Conselheiro
Antonio Maria Barbosa*

socio d'Academia real das Sciencias

off.

a author.



Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

PERSONAGENS

D. Affonso 6.º

Mathilde, filha natural do Principe D. Theodozio

D. Pedro de Souza

O confessor d'El-Rei

Conde do Prado

Conde de Mesquitella

O Governador do Castello de S. João Baptista

O Fiel da fragata Santa Isabel

Um official de marinha

Um sargento

Officiaes militares, algumas damas, cavalheiros e soldados

Epoca

1669 a 1675

O primeiro acto passa-se a bordo da fragata Santa Isabel, o segundo e terceiro na ilha Terceira.

ACTO I

A camara da fragata Santa Isabel, luxuosamente adornada, aprestos do interior de um navio, porta lateral, com reposteiro, que dá para o camarim real, defronte, uma outra porta de serviço, etc.—É noite.

SCENA 1.^a

AFFONSO 6.º E CONDE DO PRADO

Affonso 6.º, sentado n'uma cadeira d'espaldar e a seu lado, de pé, o Conde do Prado, trajando grande uniforme.

Conde do Prado

Ao vento continuar do quadrante que reina ha vinte e quatro horas, amanhã terminarão para Vossa Magestade os incommodos d'esta viagem, porquanto já hoje avistámos no horisonte a ilha Terceira.

Affonso 6.º

E quaes foram as determinações de meu irmão concernentes ao meu desembarque ?

Conde do Prado

Aquellas que pertencem á elevada cathegoria de Vossa Magestade. O Senhor Regente presta, em tudo e por tudo, os mais devotados sentimentos de affecto a todas as angustas pessoas da sua familia.

Affonso 6.º

(Sorrindo). Tendes razão, Conde do Prado. O Regente é um excellente irmão: vio-me vergado sob o peso da corôa e quiz aligeirar-me d'esse tremendo encargo, yio a meu lado uma esposa formosa e entendeu tambem ser mais acertado incumbir-se da sua futura felicidade, percebeu que os ares da corte me eram nocivos e deportou-me para o meio do oceano. O Conde talvez na sua familia não tenha exemplos d'estes, parece que isto é apanagio nosso.

Conde do Prado

(Illudindo a resposta). Vossa Magestade dá-me as suas ordens, por esta noite ?

Affonso 6.º

Quer retirar-se já ? é o mais prudente, pôde andar por ali algum espião, que vá denunciar em Lisboa que o Conde ouvio as minhas queixas. . . Os reis desthronados são sempre assim, tem poucos subditos que os lamentem, embora muitos d'esses, antecedentemente, se lhes houvessem rojado com vilêza aos pés.

Conde do Prado

(Ressentido). Vossa Magestade offende-me immerecidamente. A posição que hoje occupo conquistei-a a trôco de laes serviços á minha patria, cruzando em arriscadas empresas as ondas do oceano e fazendo respeitar por toda a parte a bandeira portugueza. A bordo dos navios do meu commando governo eu e quero ser respeitado, como me cumpre; não me obrigue, consequentemente, Vossa Magestade a lembrar-me das leis de disciplina que devem ser guardadas por todos aquelles que tenho debaixo das minhas ordens, por mais elevado que seja o seu nascimento.

Affonso 6.º

(Levantando-se irado). Conde, ouza ameaçar El-Rei?!..

Conde do Prado

Quando os attributos da realza se rojam pelo pó, desce tambem com elles o respeito que se lhes deve.

Affonso 6.º

(Pensativo). Tem talvez razão, eu não passo de um maniaco, de um enfermo, de um desgraçado enfim... Minha mãe aborreceu-me desde criancinha, obtive pela morte permatura do princepe D. Theodozio uma corôa que me não era destinada, e meu irmão D. Pedro nunca vio com bons olhos accumularem-se sobre mim honras que a elle, mais sadio, esbelto e intelligente, pareciam de direito competir. Com o tempo exacerbou-se-lhe a ambição, encontrando uma digna cumplice n'essa princeza estrangeira que eu escolhera para partilhar o meu sólio... a intriga palaciana que me obrigou a abdicar foi um embuste irrisorio, os meus vassallos hão-de por fim despertar ás vozes sentidas do seu rei, retomarei as redeas do governo e ai! d'aquelles que me tiverem sido oppostos, esmagal-os-hei com este braço que dizem paralytico. O povo já me chamava Affonso o *Victorioso* e confirmarei esse dizer, alastrando com o sangue dos meus inimigos, os degraos do meu throno. *(Ouve-se um rufo de tambór e apitos de manobra)*.

Conde do Prado

É a hora de recolher que soon, tenho a dar algumas determinações de serviço, assim permita-me Vossa Magestade...

Affonso 6.º

Eu tambem me retiro para o meu camarim, até á chegada do padre confessor. *(Dirije-se para a porta)*.

Conde do Prado

(Indo respeitosamente levantar o reposteiro e curvando-se). Que Deus proteja o Rei de Portugal!

SCENA 2.^a

O CONDE DO PRADO E UM OFFICIAL DE MARINHA

Conde do Prado

(Depois da sahida do Rei, chamando). Sr. official da guarda.

Official

(Apparecendo de espada em punho). Commandante!

Conde do Prado

Conserve as portas d'esta camara fechadas. Fica prohibido, d'esta hora em diante, até ao desembarque de Sua Magestade na ilha Terceira, que pessoa alguma entre n'este recinto ou no camarim real, isto com a unica excepção do confessor d'El-Rei, cuja ausencia eu já noto para as orações da noite.

Official

Serão cumpridas as vossa ordens, e eis Sua Rv.^{ma} que se aproxima. *(O official retira-se e o confessor que entra faz o signal da cruz ao Conde, que se curva ligeiramente, sahindo em seguida).*

SCENA 3.^a

O CONFESSOR

(Figura inquisitorial, barba espessa e comprida, capucho na cabeça, cruz grande ao peito, pendente de um rosario, um livro debaixo do braço). A taça da iniquidade está prestes a transbordar e as lagrimas alli contidas pro-

duzirão mais entumecidas ondas do que as vagas do oceano que balouçam este navio. . . A viagem d' El-Rei está a findar; mas a tormenta das paixões, que d'ahi surgirá, hade ser mais pavorosa do que a escuridão, que nos cerca n'este momento. . . Folgue-se embora nos paços reaes, os fervidos labios do Regente beijem com estremado amôr a nevada mão da Princeza de Saboya, oiçam-se por toda a parte os cantares dos cortezãos saudando o novo astro que se alevanta, julgue-se extinta a sombra do monarcha com o desaparecimento, no horisonte, da vela que o conduz para o exilio, que ainda assim um poder mais forte mina occultamente esse throno que pertendem firmar sobre o infortunio de um homem. O Regente não convem a Portugal, o Regente não convem a algumas ordens monasticas. . . herdou de seu pae, o *Restaurador*, certa liberdade de pensar que vai d'encontro á theocracia e que ameaça as nossas instituições. . . É necessario, pois, o restabelecimento d'este homem no throno, (*indicando o camarim real*) o seu espirito aponeado e as enfermidades a que por vêzes é sujeito, asseguram-nos o dominio n'este reino, dobrando-se elle com facilidade ás nossas determinações. Precisa-se, porém, a maior prudencia nos tempos que vão correndo, assim como um élo poderoso que a nós o ligue; se o meu projecto vingar, é possível que isto se realize; em todo o caso é a cabeça que jogo, mas tambem a recompensa será grande (*indo esutar á porta do camarim*). Sinto-o passear ainda, aguardava-me provavelmente, cumprâmos as obrigações do meu cargo (*bate tres paucadas, pausadas, á porta, permanecendo depois estatico e de braços cruzados*).

SCENA 4.^a

AFFONSO 6.^o E O CONFESSOR

Affonso 6.^o

Sejais bem vindo, padre confessor, já de ha muito que vos aguardava.

Confessor

(Abaixando o capucho). Senhor, fui levar a extrema-unção a um pobre marinheiro que ha dias cahio enfermo. É esta a segunda morte que occorre n'esta fragata, depois que sahimos a barra.

Affonso 6.º

Às vezes, padre, tenho inveja d'essas almas que partem da terra em busca de mais serenas paragens. No outro dia quiz vêr lançar ao mar o corpo d'aquelle moço que ali morreu, nunca tinha presenciado um espectáculo d'esses; e olhe que quando o deixaram escorregar pela prancha, cercado das lagrimas dos seus companheiros, parecem-me que elle ia mais satisfeito para o fundo do mar, do que eu vou para o exilio...

Confessor

Mas lembre-se Vossa Magestade que a viagem que elle ia fazer era eterna, enquanto que breve será esta digressão a que Vossa Magestade chama exilio. O povo, Senhor, anda muito alvoroçado com a partida do seu Rei, os actos do governo criam, de dia para dia, numerosos inimigos, a ausencia do Conde de Castello-Melhor deixou o erario quazi exausto, e d'um momento para o outro, indubitavelmente, desaparecerá este anomalo estado ante a indomita ira popular.

Affonso 6.º

E não conhece o padre o genio audaz de meu irmão?

Confessor

Jamais tive a honra de fallar com Sua Alteza; sei, porém, que possui a mesma independencia d'ideias do Senhor D. João 4.º, que Deus haja. Mas lembre-se Vossa Ma-

gestade que para podermos acreditar que o seu augusto pae entrou no reino da gloria, foi necessario que depois de morto a cleresia fosse á camara em que repousavam os seus restos levantar-lhe os peccados em que tinha incorrido, pelo facto de haver mandado entregar aos herdeiros d'aquelles, que o Santo Tribunal da Inquisição justamente condemnára, os bens confiscados. A epoca, porém, que se prepara, ainda me parece prognosticar mais serios acontecimentos. O Regente, Senhor, é incompativel com a indole do nosso povo e só Vossa Magestade é que nos pode encaminhar a uma felicidade constante.

Affonso 6.º

E foram esses sempre os meus desejos, bem como os do Conde de Castello-Melhor, a quem para semelhante fim dava todo o apoio de que podia dispor, fazendo-o até Escrivão da Puridade, para que tivesse entrada no Conselho d'Estado; e a pesar de tudo isso cheguei á miseranda posição que hoje vê...

Confessor

Mas que amigos sinceros de Vossa Magestade desde já tratam de remediar. Assim poderemos nós contar com a sua firmeza de caracter e necessario segredo...

Affonso 6.º

O que!... quem se atreve a duvidar do seu Rei?

Confessor

Eu, Senhor; porque bem de perto conheço Vossa Magestade, assim como todos os actos da sua vida. Não se trata agora de uma simples exclusão de validos, como a Rainha D. Luiza effectuou com relação aos Contis, arriscâmos as nossas vidas e não será consequentemente a

Vossa Magestade a quem havemos de confiar a direcção d'este tentame para lhe restituir a corôa.

Affonso G.º

Padre confessor, a sua linguagem, a não ser proferida pela bôca de um sacerdote, seria asperamente punida.

Confessor

Entendo que a El-Rei devo dizer a inteira verdade. De duas uma: ou Vossa Magestade tem de entregar-se, para o restabelecimento do seu governo, cegamente ás ordens monasticas, ou nós o abandonaremos, sem remissão, ao seu destino.

Affonso G.º

E se eu não accceitasse essa aviltante condição?... se erguendo a vóz o denunciasse n'este mesmo instante ao Conde do Prado?... e se o padre fosse enforcado como um traidor do governo?...

Confessor

(*Tranquilo*). Não faria Vossa Magestade mais do que a historia nos diz que fizeram alguns dos seus antecessores aos seus mais fieis vassallos. (*Crescendo para D. Affonso e animado*). Rei de Portugal, de joelhos a meus pés, não é agora o homem de partido politico que te falla, é em nome de Deus, o teu confessor... Vês a religião menospresada e os seus ministros affrontados e ainda vacilas em annuir a ser o instrumento obediente d'aquelles que te querem restituir a corôa e á tua sombra governar. (*Com energia*). Hereje, arrepende-te das tuas culpas! Apostata, confessa-te a esta cruz!... (*indicando o peito*). Vamos, de joelhos, é o espirito do Altissimo que te falla pelos meus labios, teme a justiça de Deus, teme a maldição que sobre ti estou prestes a proferir!

Affonso 6.º

(Pondo um joelho em terra, como subjugado pela rehemencia do frade) Perdoai, padre confessor, eu sou um bom christão, não quero menosprezar em cousa alguma a crença herdada dos meus antepassados.

Confessor

(Com jubilo e á parte) Oh! . . . que não possa o mundo inteiro vêr esta scena! . . . Eis o que nós ambicionamos: povos e reis curvados á nossa vontade de ferro. *(Mudando de tom)* Erga-se Vossa Magestade, o Deus das justiças é tambem o Deus da clemencia e em redor de todas as cruzes deve haver um anjo de bondade.

Affonso 6.º

Não o comprehendo, padre.

Confessor

Não gostaria Vossa Magestade de ter junto de si alguma pessoa do seu sangue?

Affonso 6.º

Aos infelizes como eu, aos reis desthronados, nem sequer lhes são permittidos os favores que se concedem a qualquer degradado. Alem d'isso, eu hoje não tenho já familia. . . aquelles, que pelo sangue me eram ligados, ou dormem nos sepulcros ou são os meus cruéis inimigos.

Confessor

Mas Vossa Magestade deve lembrar-se que por morte do seu serenissimo irmão o principe D. Theodozio, existia uma filha natural do mesmo principe.

Affonso 6.º

Bem sei, sim, e tanto que por algumas vezes quiz interessar-me por essa criança; mas dizia-me o Conde de Castello-Melhor que tal procedimento era improprio da dignidade da minha posição e que nos degraos do throno não convinham as alianças com a filha de uma mulher do povo.

Confessor

O sr. Conde era um notavel ministro, mas a politica gelara-lhe o coração... felizmente nem a todos assim acontece; essa criança, a sobrinha de Vossa Magestade, é hoje uma mulher e, orphã de pae e mãe, foi por nós mandada educar n'um convento, achando-se agora aqui a bordo.

Affonso 6.º

É impossivel, padre, completamente impossivel! Alem d'isso, qual o motivo que a podia demover a acompanhar-me para o exilio?

Confessor

Conquistar ao lado d'El-Rei a alta posição a que o sangue que lhe gira nas veias lhe dá direito, trabalhar pela causa justa de seu tio, ser uma conspiradora dedicada, cuja intelligencia e formosura muito nos poderá auxiliar.

Affonso 6.º

Mais lhe valeria de certo ter ido implorar a protecção do Regente ou da Rainha...

Confessor

Não, Senhor, que mais elevadas são as suas vistas do que tornar-se a dama de honor de uma franceza perjura... o nobre sangue do Restaurador não deve ser calcado aos pés pela còrte de Versailles, se em Portugal existe seme-

lhante vergonha, basta que isso seja propriedade exclusiva do Regente.

Affonso 6.º

(Com orgulho) Padre, olhaes que fallaes na presença do Rei, e d'um irmão meu.

Confessor

Pois bem, Senhor, eu retiro-me e que responda por mim a sobrinha de Vossa Magestade . . . em familia póde-se dizer francamente a verdade. *(Bate uma forte pancada no frontal da camara, a qual pouco depois é respondida por outra identica, abrindo-se alli uma porta falsa, á qual apparece um maritimo).*

SCENA 5.ª

OS MESMOS E O FIEL

Confessor

Fiel do porão, conduza-nos o valioso deposito que lhe confiámos desde a vespera da partida.

Fiel

Obedeço immediatamente ás ordens de Vossa Reverendissima.

SCENA 6.ª

AFFONSO 6.º E O CONFESSOR

Affonso 6.º

Tudo se dobra á sua vontade, padre confessor, conhece até as passagens occultas d'esta fragata! todos lhe obedecem!

Confessor

Nem tanto, Senhor, como as papoulas do Lacio obedeciam á espada do soberbo Tarquinio... (*Saiuda e retira-se*).

SCENA 7.^a

AFFONSO 6.º, MATHILDE E O FIEL

Fiel

(*Designando Affonso 6.º*) El-Rei (*sae*).

SCENA 8.^a

AFFONSO 6.º E MATHILDE

Mathilde

(*Indo-se-lhe ajoelhar aos pés*) Meu tio! meu Rei!..

Affonso 6.º

(*Levantando-a*) Mathilde, a que perigos se expõe por minha causa! sabe acaso a sorte que a espera acompanhando-me, occultamente, ao exílio?... Como realizou a sua entrada n'este navio?!...

Mathilde

Do convento em que estava recolhida me conduzio uma noite para as margens do Tejo o confessor de Vossa Magestade, aguardava-nos, alli um pequeno batel com dois remadores, o fiel do porão, unico homem que a bordo me podia esconder e o outro era...

Affonso 6.º

Quem?... diz...

Mathilde

D. Pedro de Sousa.

Affonso 6.º

D. Pedro, o filho do Conde do Prado!... é impossível, que motivo a isso o poderia levar?!...

Mathilde

O amôr que de ha muito me confessou, a ideia de realizar o mais ardente voto dos nossos corações, a esperança de com a restauração de Vossa Magestade no governo, alem de effectuarmos á face dos altares a nossa união, serem-me tambem conferidas as honras que me pertencem como filha do vosso augusto irmão.

Affonso 6.º

Mas D. Pedro não está a bordo d'esta fragata...

Mathilde

Assim é, navega na fragata Trindade que nos segue a muito pouca distancia. (*Ouve-se um tiro no mar*).

Affonso 6.º

O que é isto, um tiro?!... seguramente alguma novidade que occorreu n'algum dos navios da esquadra...

Mathilde

(*Anciosa*). É um signal de soccorro talvez, meu Deus! o que aconteceria?! (*segundo tiro, seguido a bordo da Santa Isabel por um rufo de tambor, varios apitos e as seguintes vozes de commando*).

Braços de ré a barlavento !
Leme de ló !
Salta aos escaleres.
Guardião, a lancha vai fóra.
A bomba d'incendio !
Arria !
Larga !

Affonso G.º

Da janella que deita sobre a varanda talvez saibamos o que se passa . . . *(vai ao fundo da camara e abre em toda a sua largura a janella, vendo-se o mar á luz de tenue clarão)*.

Mathilde

(Tambem ao fundo) Meu Deus ! . . . meu Deus ! ! . .
é fogo abordo de um dos navios, d'aquelle que mais de perto nos segue . . . qual será ? . .

Affonso G.º

Á luz das chammas o começamos a distinguir perfeitamente; o incendio redobra de intensidade . . . *(augmenta o clarão vermelho inundando toda a camara e apparece, bem visível, a breve distancia um navio incendiado)*.

Mathilde

Misericordia ! . . é a fragata Trindade ! . . é o navio que conduz o escolhido do meu coração. D. Pedro, D. Pedro de Souza ! . . oh ! salvem aquelle navio, salvem-no por amor de Deus . . . *(corre em grande agitação para fóra da janella, encostando-se á balaústrada)*.

Affonso G.º

Já se lhe aproximam os escaleres d'aqui . . . é possível ainda domar-se o incendio, a não ser que alguma subita explosão . . . *(o navio incendiado vae-se encobrindo lentamente)*.

SCENA 9.^a

OS MESMOS E O CONDE DO PRADO

Conde do Prado

(*Entrando arrebatadamente*) Acabo de ver da tolda uma mulher na varanda da camara, o que significa isto?!.. explique-me Vossa Magestade.

Affonso 6.^o

É a filha de um irmão meu que me acompanha.

Conde do Prado

E quem auctorizou semelhante procedimento ?!.. então dá-se um acontecimento d'estes a bordo d'um navio do meu commando sem que eu seja sabedor!.. Oh!.. eu mandarei enforcar immediatamente nas vergas da fragata o cumplice ou cúmplices, de semelhante traição...

Affonso 6.^o

De vagar, Conde, não promettais o que não tereis animo de cumprir....

Conde do Prado

Pela minha honra que assim será.

Mathilde

(*Acercando-se do Conde, supplicante*) Commandante, rompa uma vez a disciplina a trôco dos mais nobres sentimentos da alma.

Conde do Prado

Nunca, nunca! exijo immediatamente o culpado.

Afonso G.^o

(Que tem alguns momentos antes olhado para a porta de serviço) Eil-o, então, que se aproxima.

SCENA 10.^a

**OS MESMOS, D. PEDRO DE SOUSA,
E OFFICIAL DA GUARDA**

Official

(Annunciando) Commandante, um enviado da fragata Trindade que vos vem fazer a narração do sinistro alli occorrido.

D. Pedro de Sousa

(Fazendo a continencia militar) O fogo vae conseguindo domar-se... o navio está salvo.

Conde do Prado

(Muito alterado e á parte). O meu filho!... Oh!... isto é um sonho horrivel! *(para o filho com apparente serenidade)* Senhor Official, aguarde a minha comparencia na sala d'armas.

Mathilde

(Correndo para D. Pedro e o outro militar no momento em que iam a transpôr a porta, da qual toma a passagem) D. Pedro!... D. Pedro!... não vás, querem matar-te... *(para o Conde)* Senhor, eu só é que fui a culpada, disponha da minha vida se assim é necessario, sacie em mim a colera da sua vingança, mas pela Virgem lhe rogo, poupe seu filho, poupe aquelle que eu amo...

Affonso 6.º

Conde do Prado, a paternidade tem d'estes espinhos . . . remedieemos o mal da melhor sorte que possivel fôr.

Conde do Prado

(Abatido). Estou perdido, deshonrado!!!. . depois de uma vida de sacrificios não passarei na cõrte por mais de que um traidor!..

SCENA 11.ª

**D. AFFONSO 6.º, MATHILDE, CONDE DO PRADO,
D. PEDRO DE SOUSA, O CONFESSOR E O FIEL**

Confessor

(Entrando lentamente). Perdido, não!..

D. Pedro de Sousa

O confessor d'El-Rei!..

Confessor

(Para o Conde). O Senhor está no meio de homens honrados . . . Deus não exige que um pai tinta as mãos no sangue do seu proprio filho . . . este acontecimento vae morrer connosco . . . será um segredo inviolavel *(empunhando a cruz que traz ao peito)*. Jurai-me todos pelo sangue do Martyr Crucificado que jamais revelareis o que n'esta noite aqui se passou. *(os Officiaes e o Rei desembainhando as espadas)*.

Todos

Assim o jurámos!..

O Fiel

(Espreitando pela porta falsa, meia aberta). Com mil tormentas!!! *(fazendo o gesto de ser enforcado)*. Escaptei de bõa!..

CAE O PANNO

ACTO II

Uma sala ricamente mobilada em caza da condessa de Madrid (*Mathilde*), candelabros, jarras com flores, reposteiros, etc.

SCENA 1.^a

O GOVERNADOR DO CASTELLO DE S. JOÃO BAPTISTA E O CONDE DE MESQUITELLA

Ao levantar o panno ouvem-se os sons d'uma orchestra, as salas interiores estão illuminadas e alli se suppõe ter logar um baile. A noite vai alta.

Conde de Mesquitella

(Entrando pelo fundo). Effectivamente, dança como uma sylphide, é a rainha da festa.

Governador

Ora! se a condessa é filha de Hespanha... aquellas mulheres andaluzes são divinas, a luz dos seus olhares é como os raios do sol: dão vida e animam tudo.

Conde de Mesquitella

Tem algumas rivaes nas portuguezas, o que não admira sendo tão breve a distancia que nos separa da patria do Cid. Enquanto á identidade da nossa formosa hospede, a Condessa de Madrid, permitta-me o meu amigo que ainda conserve algumas duvidas a semelhante respeito.

Governador

O que? pois acredital-a-hia uma aventureira?! . .

Conde de Mesquitella

Não digo tanto, mas rodeia-a uma atmosphera tão mysteriosa. . . Appareceu, como por encanto, n'esta ilha, cahida talvez das nuvens, logo depois da partida da esquadra que á Terceira conduziu Sua Magestade El-Rei, apenas acompanhada de um creado, cuja cara eu ia jurar que já vi algures. Dizia-se, então, enferma e que vinha procurar n'este clima o restabelecimento da sua compromettida saude, era bastante nova, titular, e comtudo viajava sem uma unica pessoa de familia a seu lado, estabeleceu-se, como vedes n'esta eaza com todos os confortos do mais requintado luxo, recebe nas suas salas a melhor sociedade, dá sumptuosas festas, despende largas quantias e ha mais de cinco annos que n'esta terra permanece bemquista do povo pelas constantes esmolas que faz, o que lhe grangeou a denominação do *Anjo da Caridade*.

Governador

E até a Sua Magestade, affastado do bulicio do mundo como está, chegou a fama da Condessa, e por varias vezes o regio prisioneiro tem recêbido as suas visitas para assumptos de beneficencia.

Conde de Mesquitella

Não sei se o Governador tem andado prudentemente em consentir a entrada da Condessa no Castello. porquanto a ser hespanhola, como diz, deve-lhe girar nas veias a astucia que caracteriza semelhante nacionalidade, e alem d'isso são bastante assustadoras para o Sr. Regente as noticias que constam por esse navio estrangeiro que ultimamente n'este porto tocou; tratava-se nada menos do que

de uma restauração, tramada por alguns portuguezes, com o decidido apoio de Castella.

Governador

Eu não acredito em tal, a serem exactos semelhantes boatos, o Senhor Regente não nos deixaria ha um anno, como estamos, sem noticias suas. Em todo o caso as relações d'El-Rei com a formosa Condessa estão terminadas d'esta hora em diante. . . Eil-a, porem, que se aproxima.

SCENA 2.ª

OS MESMOS E MATHILDE

Mathilde

(Com toilette de grande esmero). Quando os encantos de um festim e o sorriso das bellas vos aguardam na sala do baile, mal avisados andais cavalheiros em procurar a solidão. . . verdade seja que ha uma deusa despotica e caprichosa que vos curva desapiadadamente ao seu sceptro, ainda que para nós frageis mulheres é completamente desconhecida; fallo-vos, Senhores, da politica.

Conde de Mesquitella

Na feliz epoca que atravessamos, Senhora Condessa, as conversações de partidos não tem rasão de ser, por quanto todo o peito dos portuguezes leaes tem a mesma homogeneidade de sentir, o respeito e amor pelo poder supremo do Estado.

Mathilde

Por El-Rei, quereis dizer ?

Conde de Mesquitella

(*Com firmeza*). Não, minha Senhora, pelo Senhor Regente.

Mathilde

(*Sorrindo*). Ai! perdoai, eu esquecia-me... bem sabeis que sou estrangeira e por consequencia pouco ao facto dos sentimentos da maioria dos portuguezes.

Governador

A Condessa nasceu em Madrid?

Mathilde

Madrid, Granada ou Valladolid, é isso uma questão de nome, por quanto eu considero a minha familia todo o povo peninsular.

Governador

(*Áparte*). É hespanhola, reconheço-a por semelhante dizer.

Conde de Mesquitella

Admiro-me de uma occorrença, Senhora; eu por varias vezes, tenho estado na Corte do vosso paiz, umas prisioneiro de guerra, outras como simples particular. A elevação do meu nascimento dava-me entrada nos mais distinctos circulos, e comtudo a minha memoria não se recorda de ouvir pronunciar o vosso nome ou o da vossa familia.

Mathilde

E quem vos diz que viviamos juntos de Philippe iv? (*áparte*) desconfiara este homem alguma coisa? (*alto*) Meu caro Governador, tenho um favor a pedir-lhe...

Governador

E em mim o mais obediente subdito para obedecer-lhe.

Mathilde

(*Insinuante*). Desejava amanhã apresentar os meus respeitos a El-Rei e ao mesmo tempo implorar a sua proverbial beneficencia a favor de uma familia infeliz...

Governador

Eu sou na realidade o mais desgraçado dos mortaes... o que me pedis é exactamente o unico favor que não está em meu poder dispensar... rasões assaz poderosas a isso me obrigam, pois a pessoa de Sua Magestade não está d'ora avante accessivel a qualquer individualidade estranha á sua caza.

Mathilde

(*Áparte*). Meu Deus! . . (*alto*) Serei, Senhor, a primeira a respeitar as vossas ordens, ainda que em demasia rigorosas, com especialidade para os pobres a cujas supplicas Sua Magestade sempre attendia.

Governador

Igualmente do bolcinho real não poderá ser gasta a minima quantia sem que eu saiba qual o seu destino.

Mathilde

(*Rindo forçadamente*). Ides-vos tornando um desapiadado tyranno, Governador.

Conde de Mesquitella

Assim como a Condessa de hora em hora a mais tentadora feiticeira... e para lhe resistir é preciso grande coragem.

SCENA 3.^a

OS MESMOS E O FIEL

Fiel

(*Vestido de libre*). Senhora Condessa, um peregrino que se diz tripulante de um pequeno navio inglez chegado hontem a este porto, pede com instancia para vos ser apresentado pretextando uma obra de caridade. Fiz-lhe sentir a impropriedade da occasião e da hora, mas o santo homem roga com tal instancia que não tive remedio senão vir-vos participar esta occorrença.

Mathilde

A minha caza está sempre franca para os pugnadores da fé de Christo, assim como os meus haveres á disposição das urgencias da nossa santa religião. Mande entrar para esta mesma sala o peregrino a quem ouvirei com o maximo prazer. (*O fiel sae*).

SCENA 4.^a

O GOVERNADOR DO CASTELLO, CONDE
DE MESQUITELLA E MATHILDE

Governador

A condessa é a personificação da bondade, uma flôr de celeste aroma n'estas ermas paragens da vida.

Conde de Mesquitella

(*Gracejando*). Assim como uma terrivel adversaria n'um momento de crise politica, porquanto dispondes de muita popularidade (*rindo*) Lembro-lhe isto, Governador, ainda que seria bem doce ser sacrificado por tão formosas mãos.

Mathilde

(*Áparte*). Não me enganei, desconfia de mim. (*Alto*) Conde de Mesquitella, o unico reino em que nos é dado, a nós pobres mulheres, fazer revoluções é no reino das modas; mas estas são inoffensivas, acreditae, limitam-se mais ou menos a alguns covados de sêda ou veludo. Eis, porem, que chega o peregrino, vejam como algumas damas e cavalleiros até abandonaram o baile para vir escutar as palavras d'aquelle santo talvez.

SCENA 3.^a

**OS MESMOS, D. PEDRO DE SOUSA, FIEL, DAMAS
E CONVIDADOS**

Fiel

(*Indicando Mathilde*). A Senhora Condessa de Madrid (*áparte, no momento em que se retira, designando o peregrino*). A mim não me embaças tu!..

Mathilde

Bem vindo sejais, respeitavel ancião, gostosamente achareis agasalho n'esta casa, assim como a melhor vontade de servir-vos em tudo que for a bem da vossa santa missão. De onde vindes, peregrino?.. Talvez do sepulchro de Christo... .

D. Pedro

(*Com o traje de peregrino cujo capucho lhe cobre a fronte*). Não, Senhora, das terras de Santa Cruz venho, e para a Palestina me encaminho, com o fim de tratar da remissão de alguns captivos. A fama da vossa generosidade chegou até mim, no peditorio que hoje fiz n'esta ilha, e visitando as moradias do povo, soube que daveis um luzido sarau, mas como o navio que me conduz sae na proxima

manhã, atrevi-me a vir, no meio da brilhante companhia que vos cerca, erguer a voz em beneficio de quem padece, e muito.

Conde de Mesquitella

(*Áparte*) Tambem esta voz me não é desconhecida.
(*alto*) Já estivesteis alguma vez em Lisboa, peregrino?

D. Pedro

Sim, Senhor, aonde vos vi montado em bem ajaesado ginete no brilhante prestito que cercava as excursões d'El-Rei D. Affonso 6.^o, o garbo e a figura do nobre conde de Mesquitella, jamais se olvidam. E alem d'isso conheço tambem alguns dos fidalgos que se acham aqui presentes e que acompanharam Sua Magestade para a Terceira. (*A um convidado*). Martim Affonso de Mello e Sá, fui amigo intimo do vosso pae, os louros que elle colheu na batalha de Montes Claros não terá jamais o tempo poder de os murchar.

1.^o Convidado

Obrigado, bom peregrino.

D. Pedro

(*A outro conviva*) E vós, Sargento-mor da batalha, sois tão esforçado cavalleiro como fiel amante, a vossa affeição por D. Leonor de Menezes, foi cantada por suas bardos, já que a Deus approve desfolhar na campa aquella formosissima rosa na primavera da existencia. Salve, Estevão Antunes de Castillo, ereis amigo intimo de El-Rei e sois hoje tambem amigo do seu augusto irmão. Vêde como as scenas se mudaram, um tornou-se-vos em prisioneiro e o antigo inimigo do sr. Regente em affeição de hoje...

2.º Convidado

Forasteiro, pesai melhor as vossas palavras . . . olhae que é perigoso brincar com o fogo.

3.º Convidado

É notavel, conhece-nos a todos !

D. Pedro

No ultimo quartel da vida pode-se ter esta liberdade de pensar; perdoai-me, mancebos. Senhora Condessa, aonde devo aguardar a vossa esmola?

Mathilde

Aqui mesmo, peregrino, eu vou buscar algum ouro e pouco me demorarei . . . (*sae*). *Ouve-se de novo a orchestra.*

SCENA 6.ª

**O GOVERNADOR DO CASTELLO,
CONDE DE MESQUITELLA, D. PEDRO DE SOUSA,
DAMAS E CONVIDADOS**

4.º Convidado

(*Apparece á porta da sala*). Damas e cavalleiros, o baile está a terminar, é a musica para a derradeira dança que sôa, pede-se immediatamente a vossa presença.

Uma dama

Obdeçamos ao convite, Cavalleiros. (*saem*).

SCENA 7.ª

**O GOVERNADOR DO CASTELLO,
CONDE DE MESQUITELLA E D. PEDRO DE SOUSA**

Conde de Mesquitella

(*Chamando a um lado da scena o Governador*) Aquelle peregrino parece-me um impostor . . . eu ja sabia da

sua chegada, o Governador não ignora o que na côrte se anda tramando, e a sua cabeça está compromettida n'estes enredos.

Governador

Mas que devo eu fazer?... isso é apenas uma suspeita, e prender assim aquelle homem...

Conde de Mesquitella

Seria talvez o que a prudencia aconselha, tanto mais quando temos carta branca para adoptar todas e quaesquer medidas de segurança por mais rigorosas que sejam; alem d'isso o logar do Governador é ao lado d'El-Rei e acredite que toda a vigilancia é pouca.

Governador

Saio immediatamente do baile e vou para o castello.

Conde de Mesquitella

Eu o acompanho; as sentinellas devem ser homens da nossa inteira confiança, e sobre tudo soldados decedidos a arrostar qualquer eventualidade que possa occorrer. Vamos. *(Saem)*.

SCENA 8.^a

D. PEDRO DE SOUSA

(Só, tendo estado ao fundo, desce para a scena, depois de cerrar os reposteiros e arrojado de si os trajes de peregrino). Até que terminou o festim, partiram todos e por ventura poderei pôr ainda em execução a minha arrojada empresa... dupla missão na qual ligada á gloria de restabelecer no throno o meu Rei, lograrei tambem o estremado affecto d'um amor vehemente e profundo, que

me levará ao fastigio do poder ou á ultima degradação social. O Regente contou demais com a humilhação a que tem chegado a fidalguia do seu reino, elevou-se por criminosos enredos e julga que é bastante deslumbrar os que o cercam com uma nuvem d'ouro para que todos lhe curvem respeitosamente a fronte. . . Por Deus que não será assim, o guine afiado da minha espada quero que sirva de alguma cousa mais do que velar nas ante-camaras reaes os amores culpados que alli impunemente folgam. . . (*pau-
sa*). Pobre Mathilde, não teve a minima suspeita de quem eu fosse. . . com que delirio tenho suspirado por um momento d'estes. . . são as nossas vidas que indissolavelmente se ligam desde esta hora em diante, ou eu saberei vencedor da refrega, dando-lhe quasi um throno, ou Mathilde seguirá o meu destino. . . ainda assim o exilio com ella a meu lado, transformaria a terra estranha em carinhosa mãe. Coragem, pois, a conspiração em Lisbôa parece offerecer todas as probabilidades de victoria, assim uma propicia estrella presida ao desesperado esforço que n'esta ilha vamos tentar.

SCENA 9.^a

D. PEDRO DE SOUSA E MATHILDE

Mathilde

(*Entrando*). Peregrino, aqui tendes. . . (*parando assombrada*) Meu Deus ! . . . isto é um sonho ! D. Pedro aqui, inexperadamente. . .

D. Pedro

Para cumprir, Senhora, a promessa que um dia fiz de vos provar em toda a parte o meu verdadeiro amor. Preferieis-me acaso sob aquelle trajo de peregrino?

Mathilde

Mas a que perigos vos expondes por minha causa, cavalleiro, vós que na còrte tendes elevadissima posição,

que privaes com o Regente, que podeis escolher entre as fidalgas portuguezas uma formosa esposa, descer a procurar sorrisos n'uns labios como os meus tocados pela taça do infortunio! n'uma fronte assombrada pela mascara da impostura que revisto, eu, que até dos beneficios que a mãos cheias esparjo recebo immerecidamente a gratidão, quando é d'outros o dinheiro que o confessor d'El-Rei occultamente me faculta para fazer proselytos para o seu partido. D. Pedro, sois um nobre coração, nobre de mais para a epoca de immoralidade na qual infelizmente vivemos, e mereci-vos um amor de que desprotegida e pobre não era digna, por quanto se de um lado o meu nascimento descende de elevada estirpe, bem sabeis tambem que a minha infeliz mãe não passava de uma simples camponeza, existencia ignorada de todos e que se findou de ha muito na sombra da indigencia.

D. Pedro

A rosa que nos desertos da existencia alenta o cansado caminheiro, tanto pode florir em resguardados jardins como nas asperezas da serraania. O nascimento é uma questão do acaso e ás vezes tambem um ludibrio da sorte, as almas privilegiadas, os corações devotados aos altos sentimentos, aos sacrificios e ao martyrio, Deus os collocou tanto no peito do povo como dos nobres.

Mathilde

O povo, tendes razão, o povo é como o oceano profundo nos seus affectos, mysterioso nas suas tormentas, incommensuravel nas suas aspirações, compartilha os grandes infortunios, sympathisa com os corações que gotejam sangue, porque de sangue tem tambem sido de ha muitos seculos a sua luctuosa historia. Os Açores, D. Pedro, banhados pelas vagas do oceano d'elle aprenderam o seu amor á liberdade e não ha braço de ferro que consi-

ga esmagar-lhes a independencia de character. O que se tem passado com meu tio é d'isto uma evidente prova, o regio prisioneiro tem-se tornado uma figura legendaria, o prototypo de um martyr, pelo qual as mães ensinam as criancinhas a resar com fervor, em quanto os maridos afiam com cuidado as machadas aos sons de bellicos cantares. O terreno está, pois, preparado para uma subita explosão como a dos vulcões que reservem no seio d'estas paragens, e á voz d'El-Rei surgirão, como, por encanto, aguerridas phalanges.

D. Pedro

E que espera Sua Magestade para realisar os votos dos seus fieis subditos, empunhando de novo o sceptro que inconsideradamente deixou cair por terra?

Mathilde

Aguardamos um homem valente e de inteira confiança que se possa pôr á frente do movimento popular, movimento que deve ser correspondido em Lisboa pelos afeiçoados d'El-Rei, é isto o que me diz o padre confessor.

D. Pedro

Com o qual é urgente que eu hoje mesmo falle. Mathilde, vou empenhar n'este tentame a minha espada e a minha posição. . . a revolta da Terceira será o raio que incendiará todo o reino, e pelo navio que a esta ilha occultamente me trouxe, quero já participar para a côrte, o que vamos tentar. . .

Mathilde

D. Pedro, sois ainda muito novo e as miragens de um brilhante futuro encobrem-vos os abysmos pela beira dos quaes tereis de passar. . . eu não posso, não devo acceitar as propostas que fazeis, embora como parenta e vassalla d'El-Rei conheça de quanta utilidade nos seriam.

Eu sei qual o laço mysterioso que a esta conspiração vos prende, quando na còrte tudo vos sauda e festeja, é esse amôr que desde ha muito me confessastes.

D. Pedro

E que estarei prompto a provar com a propria vida, se necessario fôr.

Mathilde

Cumpre-me comtudo não annuir á vossa dedicação pelo presentimento intimo, que de ha muito se me agita n'alma, de que uma má estrellla preside ao meu destino . . . Aquelles que tenho amado circumda-os em breve a aureolla do martyrio, meu pae morreu permaturamente, minha mãe na miseria e no abandono, meu tio definha-se de dia para dia no isolamento e na angustia, escutando a voz lamentosa do mar, cujas vagas vem desfazer-se contra os muros da sua prisão e a unica amiga que tive no convento, aonde permaneci alguns annos, vi-a extinguir-se lentamente n'estes braços; não quero, por consequencia, collocar hoje na minha corôa de infortunio a flôr mais dilecta da minha alma, para a ver tambem rojada em breve, talvez no pó dos sepulchros.

D. Pedro

E esqueces acaso que a sermos felizes n'este tentame veriamos em breve realizados os nossos sonhos de ventura, confirmando essa união pela qual de ha tanto suspiramos e que tem sido a causa do meu affastamento da còrte e do seio da minha familia? . . Não sejas pois apprehensiva, bem vejo que te gira ainda nas veias o sangue de D. Manuel, d'aquelle rei que por um dia pairar sobre os paços reaes uma horriavel tempestade, julgou isto um aviso do cen, jornadeando em seguida, incendiado em piedade e com numerozo prestito até ao sepulchro de Sant'Iago de

Compostella . . . a superstição não deve ter assim cabida nos elevados animos; nem a morte, quando affrontada em beneficio de uma causa justa, deve ser o phantasma que nos iniba de marchar na senda que a honra nos indica.

Mathilde

E que tencionas fazer, D. Pedro ?

D. Pedro

Fallar esta mesma noite, a ser possivel, com El-Rei, obter de Sua Magestade o consentimento para a revolta e ámanhã desfaldar sobre as ameias do castello o pendão real, chamando em soccorro d'aquelle labaro santo os vassallos fieis e os homens de nobre coração. É urgente, repito, que eu veja immediatamente teu tio . . . Como poderei realisar isto ?

Mathilde

Facilmente. O castello tem varios caminhos subterraneos d'um dos quaes eu tenho a chave . . . ainda que, temendo ser descoberta, jamais da mesma me servi, aconselhando-me o padre confessor, que m'a dera, a que só na ultima extremidade d'ella fizesse uso.

D. Pedro

Já vês que a Providencia véla por nós. Indica-me um guia que alli me possa conduzir . . .

Mathilde

O meu creado, o desertor da fragata *Santa Izabel*; já sois conhecidos, o que muito facilitará a tentativa.

SCENA 10.^a

OS MESMOS E O FIEL

Fiel

(*Entrando apressadamente*). Minha senhora, depois da saída dos convidados, tenho notado constantemente alguns vultos em redor d'esta casa; puz-me de espreita e pareceu-me, apesar da escuridade da noite, ter visto o brilho de algumas armas... Assim, entendi do meu dever vir dar parte do que occorre.

Mathilde

(*Sobresaltada*). Meu Deus!... desconfiam talvez alguma coisa... aquellas palavras ambiguas do Conde de Mesquitella... D. Pedro, evade-te, estamos sós, não é possível qualquer defesa; este homem te conduzirá pela porta da quinta; talvez por alli possas saír desaperecebidamente... (*ouvem-se umas fortes pancadas na porta da rua*).

Fiel

Eil-os comnosco, não ha tempo a perder... querem talvez revistar a casa...

D. Pedro

Tenhamos sangue frio... (*ao Fiel*) apague essas luzes e pergunte da janella o que querem.

Fiel

(*Depois de ter executado a ordem de D. Pedro, abrindo a janella*) Que novidades ha?... são estas acaso horas de vir assim bater ás portas d'alguem?!...

Uma voz

(*Fóra*). Da parte do Senhor Regente, entregai-nos o peregrino que esta noite para ahí entrou.

Mathilde

Foje, D. Pedro, é a ti que buscam, fuge em quanto é tempo, a tua permanencia aqui arrisca a tua vida, assim como a causa a que nos achamos ligados.

D. Pedro

(*Reflexionando*). Tens razão; vamos, um guia que me conduza ao castello...

Mathilde

(*Ao Fiel*). Acompanhe este cavalleiro, á porta do subterraneo, que sabe.

D. Pedro

Mas então, tu?

Mathilde

Entretel-os-hei até que vos dê tempo de sairdes.

D. Pedro

Coragem, Mathilde, em poucas horas estarei de novo contigo.

Mathilde

Ide... ide, apressai-vos.

SCENA 11.^a

MATHILDE, UM SARGENTO E SOLDADOS

Sargento

(*Fôra*). Abri em nome do Regente... é a ultima intimação que vos fazemos.

Mathilde

A noite está escurissima, talvez não me conheçam, e consiga ganhar algum tempo. (*Traçando a capa do peregrino e chegando-se á janella*). O peregrino sou eu, que me quereis?!... Não se vos abrirá jamais! (*ouve-se um tiro e Mathilde retira-se da janella com as mãos no peito onde goteja algum sangue*) Ai!... mattaram-me!... meu tio, meu infeliz tio!... D. Pedro, meu amor, minha vida, adeus, adeus para sempre!!... (*Cae inanimada sobre um soffá. Algum tempo antes ouviu-se o estrondo de arrombar uma porta, entrando agora em scena uma escolta de soldados, um dos quaes traz um archote accêso*).

Sargento

Apoderaivos do prisioneiro!... (*Alguns soldados correm para Mathilde, afastam-lhe o manto em que está envolvida e recuam*).

1.º Soldado

Uma mulher!!

2.º Soldado

Morta talvez.

Sargento

Silencio!... Chega á forma!... Está cumprida a justiça do Regente!...

CAE O PANNO

ACTO III

Um vasto archête, cujo fundo forma arcada, com vidraças, e cortinados que se conservam cerrados. No primeiro plano uma secretária, sobreposta á qual uma cruz, com uma lampada em frente. Alguns quadros de antigos reis e cavalleiros, cadeiras e trastes de estylo antigo.—A scena pouco illuminada.

SCENA 1.^a

AFFONSO 6.^o E MATHILDE

Affonso 6.^o

(Rezando em frente da Cruz, com umas Horas na mão e de joelhos sobre um coxim de velludo). «Bemaventurados os que tem fome e sêde de justiça, porque elles serão fartos...»

Mathilde

(Ao fundo da scena, vestida de branco e com um veu transparente que lhe cobre a fronte) Affonso!... Affonso 6.^o!!...

Affonso 6.^o

(Erguendo-se). Quem ousa vir interromper-me nas minhas orações?!...

Mathilde

Eu, a rainha!... *(trovão)* Ouves, é a colera de Deus que me conduz... levantei-me dos sepulchros talvez, devo ter a horrenda lividez dos mortos... temes acaso de te aproximares de um fantasma?

Affonso 6.º

Não temo, mas estás mentindo. Quem quer que és para que vens estorvar as rezas d'um infeliz (*trovão prolongado*).

Mathilde

Escuta, escuta... são as ondas populares que se alevantam mais terríveis e indomitas do que as ondas do oceano... é o teu povo que brame!... Eia, monarcha, coragem, monta o teu cavallo de batalha, põe-te á frente dos teus leaes vassallos, derruba esse throno forjado pela ambição e pelo crime!...

Affonso 6.º

Se fosses a rainha, não me fallarias assim...

Mathilde

É que eu estou já espiando no inferno os meus peccados... (*aproximando-se*). Olha para mim, Affonso, mataram-me a tiros de arcabuz!... Vinga-me tu, sim?... não vês que é o teu sangue que espalharam por terra?... vamos, fraco, vamos ou vem comigo para a sepultura...

Affonso 6.º

Que terrivel visão!...

Mathilde

(*Com uma risada de louca*) Ah!... Ah!!... Ah!!!... tens medo, medo!!... Não era assim D. Pedro de Sousa, o meu amante... Dá-me a tua corôa, por uma hora, por um instante que seja... quero levantal-a do pó, aonde de rojos a deixaste cair... dá-me a tua corôa em vez d'esta grinalda de noiva que me adorna a fronte...

(*levanta o veu e arranca algumas flores do cabelo*). Eil-as todas por terra estas flores, quero alcatifar com as suas folhas os degrãos do teu throno...

Affonso G.º

Mathilde! tu aqui, o que significa isto?!...

Mathilde

Vim do fundo da terra, da cova aonde me enterraram em vida... é um calabouço sombrio, sombrio como a morte... fugi... quero conquistar-te um throno... e depois a felicidade e o amor.

Affonso G.º

Como podeste aproximar-te de mim depois do isolamento que me impozeram?... a incoherencia das tuas fallas... a incerteza do teu olhar... (*áparte*) que terrivel suspeita!

Mathilde

Sim, bem sei, dizem que estou doida... (*passando a mão pela testa*) espera... deixa-me lembrar... Era uma noite de festa, echoava a musica pelos vastos salões e veio um peregrino procurar-me; era elle, D. Pedro. Não vês os soldados que o querem prender... foge... foge... lá apontam as armas, o peregrino sou eu!!... Ai!... (*mudando de tom*) Despertei n'uma masmorra... as trevas invadem tudo, ergue-te cadaver... vem passear ainda algumas horas entre os vivos.

Affonso G.º

Mathilde, que terrivel desgraça te veio tambem ferir. Oh! como eu sou infeliz, parece que todos os que se aproximam de mim são tocados pela fatalidade.

Mathilde

Desgraçada, eu?!... ao contrario sou feliz, muito feliz, os meus sonhos de ambição vão agora ser satisfeitos, vou ser princeza, vou cazar com o filho do conde do Prado... (*relampago e trovão*) vês? até o ceu se illumina por minha causa... ouves?... é a artilheria que me saúda ao sair do templo. Vou buscar-te o meu veu de noivado, é branco como o gelo, quero bordar-lhe no centro as quinas portuguezas e servir-te-ha de bandeira nas ameias do teu castello real. (*Sae*).

SCENA 2.^a

AFFONSO 6.^o

O que se terá passado?... que tristes acontecimentos levariam aquella desventurada ao misero estado em que se me apresenta? como se acha ella aqui no castello? Na reclusão a que, ultimamente, me obrigam não chega a noticia do que lá fóra acontece; meu irmão teme que a minha debil voz possa ainda levantar os seus vassallos; enterrou-me em vida, como se a enfermidade e os desgostos já me não tivessem quasi tornado um cadaver.

SCENA 3.^a

O MESMO E O CONFESSOR

Affonso 6.^o

Padre confessor, acabo ha pouco de ver n'esta sala minha sobrinha, está louca, o que eu ignorava completamente. Qual foi o motivo que deu origem áquelle seu lamentavel estado?

Confessor

Um sonho de ambição e amor, assim como o desejo de libertar Vossa Magestade da prisão em que jaz.

Affonso 6.º

E porque não fui eu disso informado?

Confessor

Porque era desnecessario cravar sobre a vossa fronte mais este espinho... o plano falhou-nos, Senhor, e quanto menos pessoas d'elle estiverem ao facto, tanto melhor.

Affonso 6.º

Não tendes então confiança em mim, padre?

Confessor

Algumas vezes, mas não sempre. Vossa Magestade é enfermo e independente da sua vontade podia fraquejar o seu animo, quando sujeito aos interrogatorios das justicas do Regente. A sobrinha de Vossa Magestade está effectivamente louca e n'um calabouço d'este castello; não atino a maneira como conseguiu vir até aqui.

Affonso 6.º

Disse-me que fugira...

Confessor

É outro, porém, o assumpto que ora aqui me trouxe. Um fiel vassallo de Vossa Magestade, um homem que pela sua causa despresou uma brilhante posição na corte, sobe na madrugada que se aproxima ao patibulo, em expiação do mesmo incidente que conduzio a sobrinha de

Vossa Magestade á loucura. Esse condemnado, Senhor, conseguin obter do governador do castello a permissão de se despedir d'El-Rei, a quem me encarrega de pedir esta graça.

Affonso 6.º

Bem poucos são aquelles que ainda se me conservam leaes; dizei-me, pois, o seu nome.

Confessor

D. Pedro de Sousa.

Affonso 6.º

O filho do Conde do Prado, o desposado de Mathilde! Veja, Padre, veja como a minha desgraça se estende a todos aquelles que me são affeiçãoados! Conduza-me immediatamente o prisioneiro... meu Deus!... meu Deus, por que terriveis provações tenho passado !!...

Confessor

Vou obedecer ás ordens d'El-Rei.

SCENA 4.ª

AFFONSO 6.º

Mais algumas gottas de sangue, mais uma vida ceifada em flôr pela mão de ferro do Regente. Oh! . . . que a minha desventura e a dos meus subditos caia, semelhante a uma maldição do Eterno sobre os Paços reaes, que eu arraste em breve tempo para o sepulchro essa mulher com quem partilhei o throno e que hoje nos braços d'outro ri da minha sorte, que os seus filhos lhe morram prematuramente nos braços e que embora debaixo das mais festivas apparencias a justiça de Deus lhe marque cada dia na terra por um martyrio no coração!

SCENA 5.^a

**O MESMO, D. PEDRO DE SOUZA, CONFESSOR
E DOIS SOLDADOS**

Confessor

Eis, Senhor, a pessoa de que ha pouco fallei a Vossa Magestade. (*a D. Pedro*) Podeis ficar em plena liberdade, as sentinellas tem ordem de vos aguardar á saída dos aposentos reaes; eu vou orar por vós. (*Retira-se assim como os soldados*).

SCENA 6.^a

AFFONSO 6.^o E D. PEDRO

D. Pedro

(*Indo ajoelhar-se aos pés de Affonso 6.^o*). Meu Rei!

Affonso 6.^o

(*Levantando-o*) Vosso amigo, dissei. O meu reinado acabou e para sempre... o que vêdes aqui é quasi um esqueleto, um exemplo terrivel para os monarchas que, faltos d'experiençia e rellexão, arriscam descuidosamente as insignias do poder. E não obstante ainda o povo e alguns fidalgos almejam pelo seu Rei; tão entranhada é no peito dos portuguezes a fidelidade áquelles a quem uma vez juraram obediencia... d'esse numero sois vós, D. Pedro.

D. Pedro

E com orgulho, Senhor, repetirei o vosso nome até que os algozes do Senhor Regente me façam gelar o co-

ração. Já fui militar, podia ter caído no meio de uma refrega ferido pelos inimigos, longe do vosso e do meu Portugal, e agradeço á Providência haver permittido que eu morra no seio do povo agoriano, d'este povo honrado que sympathisa com os grandes infortunios, como o de Vossa Magestade e que por vós estaria prompto a derramar o seu sangue e o qual será em todo o tempo um mantenedor vigilante das nossas glorias, um campeão invencivel da liberdade.

Affonso G.º

Effectivamente, D. Pedro, a reclusão em que ora me acho é, segundo julgo, filha do temor de que a um signal meu surjam de todos os lados valorosos defensores dos meus direitos.

D. Pedro

Saiba Vossa Magestade que não tem outra causa a maneira por que é tratado. Eu, Senhor, tive um sonho dourado, um sonho no qual a par de reconquistar o throno de Vossa Magestade, lograria tambem a posse de uma mulher que extremosamente amava. . . de uma princeza, talvez, a quem El-Rei elevaria até junto de si. Era arrojado o commettimento e não obstante não desanimei. Uma noite quiz introduzir-me até junto do meu Rei e bradar-lhe com a voz do povo, com a voz da patria, com a voz da justiça e de Deus: Ergue-te, Monarcha, desfaz a um aceno do teu braço esse throno que ahí campeia levantado sobre falços alicerees, cinge de novo os loiros que colheste em Monte Claros e a espada victoriosa que nos guiará a gloriosas jornadas! . .

Affonso G.º

Nobre e elevado coração!

D. Pedro

A fatalidade pesava, porém, sobre mim; descobriram os meus intentos, o guia que me acompanhava caio varado por traiçoeiras balas, a sobrinha de Vossa Magestade estava quasi agonisante e eu prezo e algemado fui conduzido ao castello, d'onde, depois de alguns mezes de carcere, saírei hoje para o patibulo. Não importa, eu saúdo ainda do mais intimo do coração a Vossa Magestade e exclamarei até ao meu derradeiro alento —Viva El-Rei!

Affonso 6.º

(*Commovido*) Oh!... que não possa essa nobre dedicação ser posta em pratica em defesa d'este reino que tanto presei. Eram assim todos os meus soldados e por isso o povo me chamava *O Victorioso*. Tive, porém, o meu dia d'Alcacer-Kebir, não como D. Sebastião, desaparecendo no meio da batalha, á luz do sol, cercado dos seus terços de cavallaria, mas sim sentindo desmoronar-se-me o throno que a intriga havia minado na sombra da ambição ou, quem sabe? se do crime... A historia um dia julgará imparcialmente todos os acontecimentos ligados ao meu reinado, os quaes formarão, porventura, uma negra pagina nas paginas doiradas dos fastos portuguezes.

D. Pedro

Cumpri, Senhor, o meu dever e acabarei com honra. Ao vosso confessor já entreguei algumas cartas para a minha familia e agora só me resta implorar, antes de morrer, a benção de Vossa Magestade, a benção de um martyr...

Affonso 6.º

E eu te abenção, filho, (*dando-lhe a mão a beijar*) em nome de Deus que nos está vendo, em nome da honra e da gloria da bandeira portugueza.

SCENA 7.^a

OS MESMOS E MATHILDE

Mathilde

(*Entrando d'uma porta lateral*) Quizeram-me prender ha um instante... levar-me de novo para a escuridão, valei-me, valei-me!... não vêdes que sou a rainha, e não obstante ando fugida!... (*indo a D. Pedro*) Que queres n'este recinto? quem procuras? o peregrino?... Já não está aqui... se queres, leva-me contigo, mata-me, mata-me, mas deixa-o livre, deixa-o salvar El-Rei.

D. Pedro

Mathilde!... Mathilde... não me conheces, não te lembras do escolhido do teu coração?!...

Mathilde

Lembro-me sim... eu já te vi... espera... eu já te vi... és o regente, tens as mãos tintas do sangue de valerosos portuguezes... e ainda mais (*com força*) és um maldicto, roubaste um throno e uma mulher!!...

Afonso 6.º

Desgraçada!...

D. Pedro

Mathilde, a minha alma vai partir para a eternidade... ali nos reuniremos... segue-me, infeliz, segue-me para os páramos da justiça, para a fonte da verdadeira luz.

Mathilde

Vás morrer?... eu ouvi os soldados que assim diziam... eu também quero morrer... apaga-me, pelo amor de Deus, este fogo que me queima a fronte... é como as fogueiras do inferno... é um ferro em braza... misericórdia!

D. Pedro

(Acercando-se d'ella e dando-lhe um beijo na fronte).
Minha irmã!... meu amor!!...

Mathilde

(Serenando). Escuta... não ouves?!... Ai! que suave harmonia... parece o cantar dos anjos... em meu redor tudo é luz, bençãos e flores... *(vidente).* Quem é essa mulher que d'alem se aproxima?... como é formosa!... como sorri tristemente para mim!... aguardai... eu reconheço-a, é minha mãe, é a santa que me creou... eil-a que me enlaça nos seus braços, estão frios como a neve... não importa, é que a pobresinha levantou-se agora mesmo da campa para vir ter comigo... *(caíndo de joelhos)* Oh!... como eu estou aqui bem... deixae-me morrer assim, abraçada ao seu collo.

SCENA 8.^a

OS MESMOS E O CONFESSOR

Confessor

A hora aproxima-se, D. Pedro.

D. Pedro

Eu já o sigo, padre confessor. *(para o Rei, a quem abraça)* Até á eternidade, Senhor. *(para Mathilde)* Vou-te aguardar no ceu, minha esposa. *(Sae acompanhado do confessor).*

SCENA 9.^a

AFFONSO 6.^o E MATHILDE

Affonso 6.^o

(*Cobrindo a face com as mãos*) Vergonha! vergonha eterna sobre ti, Affonso 6.^o, que assim deixas morrer os teus mais dilectos vassallos.

Mathilde

Como eu estou bem!... minha mãe, minha querida mãe!!... (*Ouve-se fóra uma marcha tocada por cornetas*). O que é isto?

Affonso 6.^o

A guarnição do castello que vae assistir á execução.

Mathilde

(*Erguendo-se*). És ainda o monarcha deste reino... reconheço-te agora...deves presenciar d'aquella janella o desfilar das tuas tropas.

Affonso 6.^o

(*Da janella*). O que se estará passando... vejo um anormal movimento no interior do castello, ouço alguns soldados que, das bombardeiras visinhas, dizem ver aos primeiros alvôres da madrugada uma multidão immensa e armada correr todas as ruas da cidade... (*Ouvm-se vozes confusas ao longe*) conheço este bramir, é o rugido das ondas populares.

Mathilde

Porque estás tão triste?... (*ouve-se o dobre de um sino*) não vês que é hoje dia de festa, os sinos da cidade annunciam a tua subida ao throno.

Affonso 6.º

É o dobre dos finados, Mathilde, é um nobre e elevado coração que vae fugir da terra. (*Recresce a distancia o tumulto, ouvindo-se tambem a intervallos alguns toques de corneta*) O que estará succedendo?... (*à janella*) Oíço que a multidão cresce por toda a parte. (*Vozes fóra: Morra o Reyente!... Viva El-Rei! Viva D. Pedro de Sousa!*)

Mathilde

(*Sobresaltada*) D. Pedro de Sousa!... era o nome do meu amante, era o nome do meu esposo... (*recobrando serenidade*). Aonde estou eu?... fugi de um carcere... e escondi-me... depois vagueei pelos subterraneos do castello... introduzi-me nos aposentos reaes... (*para o Rei*) Quem és tu?... (*afirmando-se*) Ai!... perdão, Senhor. (*caíndo de joelhos*) Estou em frente d'El-Rei!...

Affonso 6.º

De teu tio... da unica pessoa que ainda por ti se interessa na terra... Mathilde, Mathilde, por amôr de Deus, recobra a razão, sê a grinalda de hera que venha revestir este tronco resequido e crestado pela tormenta...

Mathilde

Mas o que significa esse longiquo ruído, esses gritos, esse rugir como de uma matilha de esfomeados leões?...

Affonso 6.º

É a ira popular que se alevanta, é a indignação dos valorosos terceirenses contra uma execução iniqua a que se vai proceder... Mas o que é isto?... (*Ouve-se de novo a passagem da tropa*) A guarnição regressa ao castello?... (*ouvem-se muito perto as vozes dos soldados—Viva o Reyente!*)

Mathilde

E de quem era essa execução?... diga-me, diga-me sem demora. Jesus!... que terrível suspeita... (*correndo para a janella*) D. Pedro, D. Pedro!... leva-me contigo para o sepulchro.

SCENA 10.^a

OS MESMOS, D. PEDRO DE SOUSA E O CONFESSOR

D. Pedro

(*Entrando apressadamente*). Para o sepulchro não, Mathilde, para a ventura e para o amor, assim Deus faça um milagre... o Senhor Regente havia mandado perdoar-me á heira do cadafalço... Abençoêmos a Providencia!

Mathilde

(*Caíndo-lhe nos braços*) E o milagre operou-se... eu já estou boa... D. Pedro, meu amor, minha vida!

SCENA 11.^a

OS MESMOS E O GOVERNADOR

Governador

(*Seguido d'um numeroso prestito de officiaes, todos de grande uniforme, alguns dos quaes figuraram no baile do acto anterior, e que ao entrar se collocam em duas alas. Chegando-se a El-Rei, em frente do qual se curva respeitosamente*) Senhor, chegou hontem uma nau do continente... (*abrindo um papel*) Este documento é a ordem para o embarque immediato de Vossa Magestade, acompanhado dos officiaes da sua caza. Vossa Magestade é transferido para o palacio de Cintra, aonde continuará prezo.

Affonso 6.º

(Com dignidade ironica) Fico muito reconhecido a meu irmão pelo cuidado constante que a minha pessoa lhe dá . . . é um cadaver, porém, que volta para Portugal . . . obedeco não obstante, como me cumpre, ás ordens do Regente. A minha partida, ainda assim, d'esta ilha quero que seja assignalada por um acto de justiça e pela realisação de um ardente desejo. Padre confessor, abençoê em nome de Deus o casamento de D. Pedro de Sousa com minha sobrinha Mathilde.

D. Pedro

(Ajoelhando) Senhor!

Mathilde

(Ajoelhando) Men tio!

Confessor

(Abençoando-os) Que o Altissimo vos faça felizes *(erguem-se os dois)* Dentro em pouco á face dos altares sanctificarei a vossa união, antes da partida do navio que conduz El-Rei.

Affonso 6.º

(Ao governador) Agora estou prompto . . . conduza-me para bordo.

Governador

As ordens que recebi foi do embarque effectuar-se no dia de hoje ao romper do sol. Eis o brilhante astro do dia que já illumina o horisonte. *(Dois reposteiros abrem immediatamente as cortinas das janellas do fundo em toda a sua largura. Nasce o sol, luz vivissima em scena. Alem do aposento em que se acha El-Rei ha um terrado quasi ao*

rez do chão, revestido d'uma grade baixa, atraz da qual se vê a guarnição do castello formada e de bandeiras desfraldadas. Um dos lados do terrado dá passagem para a praça. O fundo do theatro representa uma bateria do castello, recortando-se no espaço. Elevando a voz) Passagem a Sua Magestade El-Rei D. Affonso 6.º! . . (Os officiaes desembainham as espadas).

Commandante da tropa

Apresentar armas! (A musica rompe uma marcha marcial e começa a effectuar-se a retirada, indo El-Rei na frente por entre as alas e atraz D. Pedro com D. Mathilde e logo apoz o confessor)

Todos

Viva El-rei D. Affonso 6.º! . . .

CAE O PANNÓ





Rebello, Ernesto
As noites d'El-Rei

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY
